

CAPÍTULO II

MATABELES (Ndebele)

Uma das tribos angunes que se viu envolvida nas lutas entre Zwide e Dinguiswayo foi a que se formou à volta do clã Khumalo. Era, naquela altura, chefiada por Machobane. Este, muito embora lhe tivesse prestado vassalagem, foi mandado executar pnr Zwide, por suspeita de traição, depois da emboscada em que o chefe dos Ndwandwe conseguiu abater Dinguiswayo. A chefia dos Khumalo foi entregue ao legítimo sucessor, Mzilikazi, que havia passado na corte de Zwide grande parte da sua menoridade.

Mzilikazi, reconhecendo quão insegura era a sua posição, decidiu, num golpe dramático, transferir a vassalagem para Chaka. Cedo se impôs ao novo suserano pelas excepcionais qualidades de coragem e inteligência que veio a demonstrar. Reside possivelmente aqui a razão por que o chefe zulu abriu, no seu caso, uma excepção à regra que seguia de escolher plebeus de reconhecido valor como comandantes de regimento.

Não admira, portanto, que Mzilikazi fosse *induna* de um regimento composto largamente por guerreiros pertencentes à sua própria tribo. Tal anomalia deve-se, possivelmente, ao facto dos Khumalo haverem oferecido voluntária vassalagem a Chaka ainda na fase inicial da expansão zulu, conseguindo, desse modo, que a sua identidade e homogeneidade fossem pelo mesmo respeitadas. Assim, Mzilikazi podia contar com a lealdade dos seus guerreiros, não apenas na qualidade de comandante nomeado pelo rei mas também na de chefe político hereditário. Esta situação facilitava, naturalmente, as possibilidades de secessão.

Seja como for, parece que cerca de 1821, tendo sido mandado assaltar uma tribo sotho, resolveu conservar para si todo o armentio capturado, em vez de o entregar a Chaka. Mais: num temerário acto de desafio, mandou cortar as plumas de avestruz que ornamentavam o gorro dos mensageiros que lhe foram transmitir as ordens reais. Logo atacado pelos regimentos zulus foi obrigado a retirar, com os sobreviventes, não sem opor tenaz resistência. Atravessando uma vasta região habitada por tribos sothos, conseguiu não só manter a coesão do seu grupo como também reforçá-lo constantemente por meio de cativos de ambos os sexos.

Cerca de 1824 estabeleceu-se durante algum tempo nas margens do rio dos Elefantes. Daí organizou repetidas incursões para obtenção de mais gado e prisioneiros. Parece provável que os seus guerreiros hajam devastado o país dos Va-Loi, instalados a leste entre os rios Limpopo e dos Elefantes, obrigando uma parte deste a partir para o litoral onde vieram a instalar-se entre os ascendentes dos Chopes.

Ao Noroeste, os Pedis, refugiados nas escarpas dificilmente acessíveis dos montes Zoutpansberg, conseguiram repelir os regimentos ndebeles com chuvas de pedras e lanças.

Em 1825, procurando melhores pastagens, estabeleceu-se na confluência dos rios Vaal e Apies, para logo se transferir para um local próximo da actual cidade de Pretória, centro de uma região densamente povoada por tribos sothos, prósperas e dispondo de uma cultura material relativamente avançada. Por esta época o número dos seus súbditos já ascendia a 60 000, graças aos cativos e aos refugiados ndwandwes foragidos da terra natal.

Em 1829, os Koranas, os Taung e os Relong, esporadicamente aliados, conseguiram bater uma força ndebele e apreender-lhe muito gado. Mas os guerreiros de Mzilikazi logo ripostaram surpreendendo os imprevidentes Koranas por meio de um ataque nocturno ao acampamento desprovido de sentinelas, chacinando a maioria dentre eles e capturando-lhes cavalos, armas de fogo e parte do gado.

Posteriormente, outra larga colisão de Griquas, Koranas e tribos sothos, com mil cavaleiros armados e vários milhares de guerreiros apeados, invadiu o território ndebele, numa altura em que os melhores regimentos tinham ido atacar os Ngwatos. Inebriados pela fácil vitória e logo envolvidos em disputas causadas pela divisão do gado apreendido, decidiram bater em retirada. Cometeram o mesmo erro que os Koranas, deixando-se surpreender por um ardiloso e ferocíssimo ataque nocturno lançado pelos regimentos de veteranos que haviam ficado a guarnecer

a capital ndebele. A derrota dos invasores foi completa, apenas tendo conseguido fugir, graças às montadas, cerca de trezentos.

Decidido a transferir-se para região mais segura, Mzilikazi atacou sistematicamente os Sothos, batendo as tribos Ngwaketsi, Kwena e Ngatla. Cerca de 1832 mudou-se novamente para a região Hurutshe, onde construiu a sua nova capital Hlahlandhlela. Daí conseguiu vencer os Pedis.

Ameaçado, no Sul, por tribos sothos e por bandoleiros mestiços de hotentotes que dispunham de cavalos e armas de fogo e, no Este, pelos regimentos zulus enviados por Dingane, conseguiu no entanto resistir.

Expulsou parte dos Hurutshe das férteis planícies do Marico (apesar do auxílio prestado pelos mestiços de Hotentotes) e incorporou os restantes nos seus regimentos.

Em 1836 dá-se o primeiro reencontro com os Boers do Grande Trek que, sem pedir autorização nem cumprir qualquer formalidade, haviam penetrado no território ndebele, vindos da direcção dos inimigos Griquas. Massacrada parte das famílias Erasmus e Liebenberg, as restantes conseguem resistir, com fuzilaria devastadora, atrás das grandes carroças dispostas em círculo.

Em Janeiro de 1837 os Boers, aliados a Griquas, Koranas e Sothos, atacaram e destruíram, de surpresa, a cidadela ndebele de Mosega, conseguindo apreender muito armentio. Dingane, aproveitando o sucesso do «raid» boer, envia nova força contra Mzilikazi, força que não obtém qualquer vitória decisiva mas que se apodera de bastante gado.

Em Outubro de 1837 um grupo de 300 boers, sob o comando de Potgieter, atacou e incendiou as duas cidadelas militares de Tshwenyane e Gabeni.

Perante tão forte hostilidade, Mzilikazi decidiu, finalmente, vadear o rio Limpopo e procurar, no actual território da Rodésia, um local que reunisse condições satisfatórias. Dividiu a sua gente em dois grupos. O primeiro compreendendo as rainhas, os príncipes, as mulheres, as crianças e uma força militar comandada por Gundwane Mdiuene, seguiu uma via oriental até atingir as fraldas dos montes Matopos, onde fundou, em 1838, uma cidadela chamada *Gibixhegu*, nome de um dos aquartelamentos de Chaka.

O segundo grupo, comandado pelo próprio Mzilikazi, ladeou o deserto do Kalaari e atingiu o rio Zambeze, onde entrou em hostilidades com os Kololo, grupo sotho também oriundo do sudeste africano, sob o comando de Sebetwane. Depois de dois recontros indecisos, ambos os grupos partiram, mas em direcções opostas.

Encaminhando-se em direcção ao sudeste, Mzilikazi uniu-se, finalmente, ao primeiro grupo, em 1840. Tendo então conhecimento da existência de uma facção que, por ignorar a sua sorte, havia tentado investir seu filho Nkulumana, como monarca, mandou executar Gundwane, cinco indunas e até mesmo os seus próprios filhos e herdeiros. Porém, a ordem não foi cumprida em relação a Lubengula que, em tempo, veio a suceder ao trono.

Terminada a depuração, estabeleceu a sua capital em Inyati, perto da actual Bulawayo. Graças às presas de guerra e aos tributos, o reino depressa se recompôs.

As tribos divididas que formavam o Império Rozwi, não puderam oferecer-lhe eficaz resistência. Posteriormente foram os Ndebeles ainda reforçados pelo segmento de Zwanguendaba que, sob o comando da rainha Nyamazana, decidiu permanecer aquém do Zambeze. Aquela tornou-se uma das esposas de Mzilikazi e os seus súbditos foram integrados nos regimentos e no reino Ndebele.

Seguiu-se, enfim, uma era de prosperidade. Os regimentos foram enviados, em todas as direcções, no esforço incessante de obter gado bovino e jovens de ambos os sexos. Não conseguiram, no entanto, derrotar os Kololos. Mas em 1847 puderam rechaçar um comando de boers.

Para evitar conflitos, Mzilikazi estabeleceu também um acordo de fronteiras com Sochangana, o monarca de Gaza, seu parente clânico. Servia de limite entre os dois impérios o rio Mtilikwe.

Em 1854, 1857 e 1860 foi visitado pelo famoso missionário Robert Moffat, por quem nutria profundo afecto. Naquele primeiro ano já se encontrava num estado adiantado de doença e decadência senil, muito embora o seu falecimento apenas viesse a ocorrer em 1868.

Nos últimos anos do seu longo reinado teve que enfrentar o crescente número de europeus que pretendiam caçar, comerciar, missionar e prospectar nos seus domínios. Apenas em 1865 autorizou a sua entrada no território chona até então ciosamente conservado como campo exclusivo para as actividades predatórias dos Ndebeles. Daí resultaram as importantes descobertas de depósitos minerais.

Calcula-se que à data da morte de Mzilikazi o exército ndebele compreendesse entre 10 000 e 20 000 homens ⁽²¹⁾.

Seu filho Lubengula teve que vencer, pela força das armas, os partidários do primogénito Nkulwmana, mandado matar, secretamente, por Mzilikazi, em 1840, mas que muitos supunham ainda vivo.

Conta D. G. Lewis ⁽⁸⁸⁾ que Lubengula teve também que esmagar a revolta do regimento comandado por um tal Mbiko Masuku, genro de

Mzilikazi, que se recusou a reconhecer o novo *inkosi* por não ser de puro sangue ndebele; já que sua mãe era de origem swazi. Os escudeiros e pastores dos guerreiros rebeldes, todos escravos *amaholi*, teriam defendido os seus senhores com tamanha bravura que Lubengula, num belo gesto de generosidade e admiração, os autorizou a formar eles próprios um novo regimento.

Continuou a respeitar o acordo de fronteiras com os Vangunes instalados em Moçambique, tendo casado com uma ou mais filhas de Muzila. Em retribuição, uma das filhas de Lubengula parece ter contraído matrimónio com Gungunhana.

Lubengula veio a conceder exclusivo de exploração mineira à «British South Africa Company», exclusivo que compreendia o direito de colonizar o país Chona. O facto deste continuar a ser considerado, pelos Ndebeles, como tributário e campo de razias e saques, provocou um choque inevitável em 1893. Vendo os seus melhores regimentos destruídos pelas metralhadoras britânicas, perto de Bulawayo, Lubengula, com a sua família e o remanescente do exército, partiu para o Norte, falecendo contudo no caminho, supõe-se que perto do rio Kana.

R. Summers⁽¹⁵⁹⁾ atribui a frouxa resistência dos Ndebeles a um processo interno de relaxação da disciplina e à defeituosa selecção dos comandantes militares.

Mathers em 1891 estimou o exército em 15 000 guerreiros, distribuídos por 40 regimentos. O número total de Ndebeles estaria entre 150 000 e 200 000⁽⁷¹⁾.

A última explosão bélica dos Ndebeles, a revolta de 1896, foi também esmagada pelos colonos britânicos. Refugiados nos montes Matopos, os rebeldes remanescentes aceitaram, finalmente, as propostas de Cecil Rhodes e vieram a render-se.

*

Foi ainda durante a permanência de cerca de quinze anos no Transval que Mzilikazi lançou os fundamentos de uma original organização política e militar.

Os jovens passaram a viver permanentemente aquartelados e foram proibidos de contrair matrimónio. Recebiam do monarca armamento e alimentação. Só depois de haverem dado provas suficientes de bravura, tenacidade e maturidade lhes era concedida autorização para constituir família, envergarem a coroa de cera e instalar as suas povoações ao redor do campo militar a que continuavam a pertencer. Eram chamados ao

serviço activo em casos de emergência ou para participar em grandes campanhas. Juntamente com suas famílias entregavam-se às tarefas agrárias da comunidade.

Os adolescentes feitos prisioneiros eram, frequentemente, entregues aos seus captores para servirem como pastores, escudeiros, etc. Oportunamente integrados nos regimentos, cedo desenvolviam sentimentos de orgulho e lealdade, adoptando a língua e os costumes da classe dominante.

Os membros da linhagem real, *Numzana*, embora gozassem de posição privilegiada, dispunham de poderes inferiores aos dos *indunas*.

O facto de *indunas* plebeus, escolhidos pelo monarca, exercerem simultaneamente as funções de comandantes militares e governadores distritais, diminuía drasticamente os riscos de secessão e mantinha a coesão nacional.

Depois da sua fixação definitiva, a população ndebele concentrou-se num território restrito, grosseiramente circular, com um raio de 40 a 50 milhas a partir do local onde se situa actualmente Bulawayo. Os contactos com a capital podiam, pois, ser frequentes e regulares.

No pináculo da organização estadual situava-se o monarca, *inkosi*, fonte de toda a autoridade, senhor absoluto das terras, dos gados e dos habitantes, comandante-em-chefe do exército, juiz supremo com poder de vida e de morte sobre os súbditos. Pelas suas mulheres, os seus *indunas* e os seus médicos-mágicos, era pormenorizadamente informado de tudo quanto acontecia no reino.

Como entre os restantes soberanos angunes, eram em sua honra recitados, pelo arauto real, *umbongui*, poemas laudatórios cujo texto se conhece ⁽⁶⁸⁾.

Era assistido por três conselheiros, *izinduna ezinkulu*, e por dois conselhos: o *izikulu* (composto por comandantes de regimento e por chefes de secções) e o *umpakati* (composto por parentes próximos do monarca e outros notáveis adstritos à corte).

O reino era dividido em quatro províncias, *amaxiba* (pl.) cada qual governada por um *induna enkulu* escolhido pelo monarca prudentemente fora do seu círculo de parentes. Aquelas, por sua vez, dividiam-se em distritos, *amaputo*, cada qual correspondente a um regimento com o seu *induna* da confiança do monarca e a sua grande capital de traçado circular, defendida por duas paliçadas entre as quais se dispunham em linhas grosseiramente concêntricas os dormitórios dos solteiros e solteiras, as residências individuais das esposas dos chefes de família e, finalmente, no círculo mais largo, encostado à paliçada exterior, as cozinhas, celeiros

e outras instalações. Parece que cada família constituía uma unidade distinta, separada das restantes por uma vedação.

No centro havia um espaço aberto utilizado para paradas, reuniões, danças, cerimónias. Nele existiam os currais de gado e, por vezes, as instalações, *isigodhlo*, de uma célula de rainhas. A mais importante era designada por *unina womuzi*, mãe da povoação. As co-esposas reais desempenhavam a importante função política de servirem como meios de comunicação entre a autoridade central e os dirigentes provinciais e regimentais. Travavam também as inclinações de rebeldia que pudessem surgir entre súbditos mais longínquos.

O território para cultivo e pasto a ocupar por cada cidadela regimental era indicado pelo monarca. O respectivo *induna* procedia, então, à sua distribuição pelos residentes.

As maiores cidadelas eram subdivididas em secções, *izigaba* (pl.), sob a chefia do *umlisa* (sing.). Nelas funcionava também uma assembleia de homens adultos, *inhlangano yamadoda* com funções judiciais e consultivas e com considerável peso nas questões de sucessão dos *izinduna* e dos *ablisa* (pl.).

Fora deste sólido núcleo central existia uma periferia de tribos de *rozwi* autóctones dirigidas quer por *indunas* *ndebeles* quer pelos seus próprios régulos, embora reconhecendo a suserania e pagando tributo ao *inkosi*. Seguindo um procedimento semelhante ao que verificaremos no Império de Gaza, os herdeiros à chefia das tribos e dos reinos do antigo Complexo Mutapa-Rozwi eram igualmente enviados para a corte *ndebele*, com o duplo propósito de servirem como reféns e de assimilarem a língua e a cultura dos invasores. Conhece-se o caso específico de Sikobole, descendente do Mwene Mutapa, que, aos cinco anos de idade, foi levado para a capital real para, como pagem, assistir ao príncipe Sidojiwe Khumalo, filho de Lubengula.

Eram frequentemente organizadas expedições além-fronteiras com o declarado intuito de capturarem gado. Massacravam-se, impiedosamente, todos os que ousassem resistir.

O monarca reconhecia a posse privada de gado mas, mesmo nestes casos, reservava-se o direito de regular a sua utilização e de autorizar o seu abate.

Apesar da enorme concentração de poderes de que gozavam, Mzilikazi e Lubengula tiveram ambos o cuidado de preservar os costumes políticos tradicionais. Presidiavam aos grandes pleitos públicos no curral do gado, onde qualquer dos assistentes podia emitir a sua opinião. Uma vez terminada a audição, o monarca retirava-se com os seus conselheiros e

pronunciava, finalmente, o seu veredicto. Percorriam regularmente o país alojando-se no *isigodhlō* de cada cidadela regimental.

A grande cerimónia anual das primícias, *inxwala*, tinha como figura central o próprio monarca o qual era magicamente medicado e submetido a complicados rituais. Dançava então diante do povo, juntamente com os regimentos cujos guerreiros envergavam as suas armas e os seus trajos de guerra. Uma semana depois realizava-se a cerimónia *ukucinsa*, antes da qual era rigorosamente proibido comer qualquer dos produtos das novas colheitas. Durante ela os varões, em estado de abstinência sexual, procediam a um ritual de comunhão e purificação.

*

Um novo regimento era formado cada três ou quatro anos. Parte dos adolescentes que já tivessem completado as cerimónias de iniciação eram convocados à capital real e submetidos a longo, rigoroso e intensivo treino militar. Trabalhavam simultaneamente para o monarca.

No caso do *inkosi* resolver fundar com eles uma nova cidadela, concedia-lhes o direito a utilizarem parte do seu gado. Não são concordes as informações relativas à distribuição, a cada regimento, do gado de semelhante cor, com a finalidade do mesmo se distinguir pelos escudos dos seus guerreiros.

Os jovens incorporados, *amajaha*, não podiam contrair matrimónio. Parece que eram apenas assistidos por suas avós. Depois de serem autorizados a constituir família continuavam na nova cidadela, já como *amadoda*, com direito à coroa de cera.

O sistema ndebele, era, portanto, diferente do zulu já que entre este os guerreiros, logo que recebessem autorização para casar, abandonavam o campo militar onde tinham vivido e instalavam-se junto da povoação familiar do pai.

Já entre os Ndebeles uma grande parte dos jovens das duas castas superiores, depois de servirem como auxiliares durante as incursões, eram oportunamente integrados nos regimentos paternos, continuando a habitar a cidadela onde haviam nascido.

Quer dizer, no sistema zulu um regimento extinguia-se à medida que fossem falecendo os seus membros. Tal não acontecia no sistema ndebele: os regimentos formados por Mzilikazi quando ainda se encontrava no Transval continuavam a existir como unidades activas de combate em 1893, isto é, quase setenta anos depois. As vagas deixadas em cada regimento pelos mortos ou inválidos eram também preenchidas pela

admissão de voluntários indígenas *rozwi*, que acorriam sempre em número superior às necessidades.

Os *indunas* militares eram escolhidos pelo monarca com base no seu valor pessoal. Tanto Mzilikasi como Lubengula parece terem sido dominados pela preocupação de manterem afastados da chefia dos regimentos os membros da sua própria família.

*

As ofensas contra a pessoa, a propriedade e as prerrogativas do monarca, eram consideradas como crimes públicos e como tal sujeitos a pena de morte ou a indemnizações pagas à casa real. Nesta categoria estavam os crimes de traição, homicídio, incesto, feitiçaria, adultério com qualquer das rainhas e posse abusiva de presas obtidas nas incursões.

Especialmente graves eram também as infracções às normas que faziam depender de prévia autorização real a celebração de qualquer casamento e o início dos trabalhos agrícolas.

A maioria do gado bovino era pertença do rei. As suas manadas alimentavam não só a casa real mas também os guerreiros em treino, em serviço activo ou enviado em expedição. Delas saíam também as cabeças destinadas a sacrifícios rituais. O armentio apreendido era obrigatoriamente exibido ao rei que escolhia algum para si e distribuía o restante pelos *indunas* e guerreiros mais bravos, pelos mágicos que houvessem medicado os expedicionários e, colectivamente, pelo regimento ou regimentos participantes. O gado do *lobolo* saía, por vezes, dessas manadas regimentais.

Os membros da casta inferior, *holi*, não eram autorizados a possuir gado.

*

Com excepção de alguns cativos de guerra provenientes do norte do Zambeze, os diversos elementos que entraram na composição da nação *ndebele* pertenciam a grupos patrilineares. Assim, era transmitido por linha agnática o nome ou apelido clânico, *isibongo*, sempre empregado honorificamente quando alguém pretendia dirigir-se a outrem.

Entre as duas castas superiores o *isibongo* exercia as importantes funções de regular a exogamia e de determinar a origem do indivíduo. Na casta inferior, a dos *Rozwi*, esta última função também se verificava, mas a exogamia era regulada por um grupo agnático mais restrito, o *isitemo*, espécie de subclã.

Observavam um sistema de castas. À casta superior, *zansi*, pertenciam os descendentes patrilineares dos guerreiros que acompanhavam Mzilikazi na sua grande migração e outros angunes que a ele posteriormente vieram a juntar-se. Tinham os apelidos clânicos, *isibongo*, de *Dhlamini*, *Masina*, *Tjabalala* e *Khumalo*. Apenas os *zansi* usavam, no seu traje de guerra, o penacho de penas de avestruz.

À casta média, *enhla*, pertenciam os Sothos e Tswanas incorporados, inicialmente como trabalhadores braçais, durante a estadia no Transval. Podiam, como os *zansi*, usar o saiote de peles e caudas de símio e civeta.

À casta inferior que desempenhava os trabalhos mais duros e humildes, pertenciam os povos do velho Império Rozwi, destruído pelos invasores vangunes. Em homenagem ao título hereditário do seu antigo soberano, designavam-se a si próprios por *abantu ba ka Mambo*. Os membros das outras duas castas designavam-nos pelo nome pejorativo de *holi*. Não comiam nem se sentavam em sua companhia. A proporção entre as três castas era, aproximadamente, de 15 %, 25 % e 60 %.

Eram proibidos, ou pelo menos socialmente condenados, os casamentos entre membros de castas diferentes. No início da expansão militar puderam os guerreiros vangunes, no entanto, ter filhos de mulheres capturadas durante as incessantes incursões.

Estas três castas coexistiam com um sistema de escravatura doméstica semelhante ao dos restantes grupos de origem angune. Livingstone asseverou que os Ndebele, não contentes com os cativos de ambos os sexos tomados entre os povos chonas-karangas, chegaram a comprar, aos senhores dos prazos, escravos e sobretudo escravas provenientes do norte do Zambeze⁽⁹⁸⁾.

*

Mas o valor individual de cada guerreiro superava quase por completo esta estratificação destinada meramente a manter o prestígio e a pureza da língua e dos costumes angunes. É esta a razão por que, ao contrário dos outros grupos da mesma origem, a língua dos Ndebeles conseguiu impor-se a todos os povos integrados.

*

A puberdade feminina e masculina marcada, respectivamente, pela menarca e pela primeira emissão seminal nocturna, não era acompanhada por complexas e colectivas cerimónias de iniciação.

Uma formalidade fundamental no casamento tradicional era a procissão que acompanhava a noiva na sua jornada para a povoação do noivo, procissão que era aqui recebida no meio de complexo cerimonial.

*

A sepultura era cavada no sentido leste-oeste, colocando-se o corpo deitado sobre o lado direito e envolvido numa pele, caso fosse de pessoa importante.

Quando se tratava de um chefe de povoação, o defunto era retirado da palhota não pela porta mas por um orifício feito na parede. A sua povoação era abandonada.

Sacrificava-se um caprino que era assado sem sal e comido pelos indivíduos que haviam participado no préstito fúnebre.

De um a três meses após o falecimento procedia-se à cerimónia da «lavagem das enxadas».

Cerca de um ano depois do funeral realizava-se uma grande festa, com cantos, danças e cerveja, destinada a «chamar o espírito do defunto».

O patriarca podia proceder à divisão da herança, *abela*, antes da sua morte. Também podia, por meio de proclamação pública, deserdar o herdeiro legítimo e nomear outro em sua substituição.

O herdeiro principal, *indlalifa*, era, por norma, o filho mais velho da «mulher grande» ou da que se seguisse em categoria. A *inkosikazi yomuzi* era escolhida pela sua casta e, dentro desta, pelo parentesco que a ligava ao rei.

Assim, no caso dos polígamos, a divisão da herança era influenciada pela hierarquia das diferentes «casas», *izimdhlu*, em que se agrupavam as esposas.

*

Embora a religião tradicional dos Ndebele fosse a ancestratria, *amadhlozi*, tanto Mzilikazi como Lubengula sempre respeitaram o culto e os sacerdotes chonas do Deus pluvial, *Umlimo* ou *Mwari*, centrado em Injelele, nos montes Matopos.

Esses sacerdotes eram todos do clã Nkube, supostamente de origem venda, em cujo dialecto o termo tem o significado de «símio». O equivalente chona de *nkube* é *choko*, sendo os sacerdotes, durante as preces pela chuva, tratados por esse apelido honorífico.

As oferendas, quer fossem de gado ou roupas, tinham sempre a cor negra.

*

As crenças na feitiçaria, *ukuloya*, encontravam-se profundamente arraigadas. Os feiticeiros, *abatagati*, denunciados pela adivinhação, eram condenados à morte. Os seus perversos poderes transmitiam-se por hereditariedade. Acreditava-se que esses odientos nigromantes cavalgavam hienas, macacos-cães e porcos-formigueiros e, ainda, pequenos e peludos seres sobrenaturais denominados *imikobo* (pl.).

No principal método de adivinhação comum às duas castas superiores recorria-se aos possessos *izangoma* ou *izanusu*, que indicavam as suas descobertas, em sessões de dança, por intermédio do espírito possessor. Constituíam um importante elemento na organização estadual, adstritos à corte e às mais importantes autoridades políticas.

Os *izinyanga* (pl.), médicos-mágicos, além das suas actividades predominantemente curativas, também praticavam as artes de adivinhação por lançamento de ossículos.

*

Além das actividades bélicas e venatórias, constituíam diligências tipicamente varonis, independentemente da respectiva casta, a derruba, a construção de cercas e povoações, a pastorícia e o trato do gado, a curti-menta e cosedura de peles, a fabricação de armas, cestos e objectos de madeira.

Uma indicação de enorme importância concedida ao gado bovino foi recentemente fornecida por J. W. I. Brownlee ⁽²²⁾ que conseguiu reunir nada menos do que treze designações para a diversa conformação dos chifres e, o que é mais espantoso, quarenta e cinco nomes diferentes dados às cores do pêlo ou suas combinações.

A fundição e a confecção de armas e utensílios de ferro era deixada aos homens de origem karanga, cuja reputação como metalurgistas era amplamente merecida.

As mulheres ocupavam-se da cozinha, limpeza da povoação, fabrico de esteiras e objectos de argila, barragem das paredes e do soalho das palhotas e, enfim, de todos os restantes trabalhos agrícolas.

Os homens cobriam-se com uma pele dianteira e outra traseira atadas à volta do peito. Envolviam o pénis num estojo de couro, verga ou madeira.

As mulheres também usavam peles à guisa de saia.

O traje militar era mais imponente: saiote de peles, ornamentos de cauda de bovino colocados nos bíceps e abaixo dos joelhos, gorros de penas de avestruz. O escudo podia ser de dança, *ihawu*, e de guerra, *isihlangu*. Envergavam também colares protectores. Nas grandes marchas protegiam os pés com sandálias de pele.

Entre as duas castas superiores o tambor não era usado como instrumento musical sendo as suas danças colectivas ou individuais, acompanhadas de coros, estritamente relacionadas com as actividades bélicas.